



Ana Kiffer > **Correspondência fabulatória – entre Ana K. e A. Artaud**

### Resumo

O texto dedica-se, depois de longos anos de pesquisa, cursos, traduções, artigos e livros realizados sobre Antonin Artaud (1896-1948), a voltar-se para como a pesquisadora leu, acolheu e recebeu tal autor e as questões por ele provocadas. Esse *pathos* da recepção e sua singular passividade. Foi mesmo o Artaud quem disse que era preciso “escrever a angústia do pesquisador no meio e em torno a sua obra”. Tenta-se aqui efetuar isso. Uma passagem ao ato. Um trânsito. Uma deriva. Uma derrapagem. Através da qual respondo a ele e escrevo a mim mesma. Ou: escrevo a ele e respondo a mim mesma.

**Palavras-chave:** Cartas. Artaud. Fabulação. Corpo. Fome. Mal.

### Abstract

After long years of research, teaching, translating, writing articles and books on the subject of Antonin Artaud, this essay turns to how the present researcher read, received and gave shelter to Artaud and the issues and questions provoked by him. It is about the *pathos* of reception and its singular passivity. Artaud himself said that one must “write the anguish of the researcher in between and around his work”. This is what is intended here. A passage toward the act; a transit; a drift; a sideslip – through which I respond to him and write to myself. Or rather: through which I write to him, and respond to myself.

**Keywords:** Letters. Artaud. Fabulation. Body. Hunger. Evil.

> Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002) e Professora Associada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Especialista na obra de Antonin Artaud, sua pesquisa explora as relações entre corpo e escrita. Autora de diversos livros e artigos científicos em periódicos nacionais e internacionais, incluindo “A Perda de Si” (Rocco, 2017), “Antonin Artaud” (EDUERJ, 2016), “Sobre o Corpo” (7Letras, 2016), “Les désaccords du temps? Brésil, France” (Université de Paris VII, 2010) e “Antonin Artaud, Uma Poética do Pensamento” (La Coruña Biblioteca Arquivo Teatral Francisco Pillado Mayor, 2003).

**Paris, 5 de junho**  
**Senhora,**

Gostaria, mesmo correndo o risco de importuná-la, de retornar sobre alguns termos de nossa conversa dessa tarde.

É que a questão da recepção desses poemas é um problema que lhe interessa tanto quanto a mim. Falo, evidentemente, de sua recepção absoluta, de sua existência literária.

Sofro de uma assustadora doença<sup>1</sup> do espírito. Meu pensamento me abandona em todos os graus. Desde o simples fato de pensar até sua materialização em palavras. Palavras, formas de frases, direções interiores do pensamento, reações simples do espírito, estou em busca constante do meu ser intelectual. Quando chego a dar uma forma, mesmo que imperfeita, eu a fixo, com medo de perder todo o pensamento. Sei que estou abaixo de mim mesmo e disso sou, mas consinto a imperfeição pelo medo de que seja isso ou a morte.

(...)

**Paris, 29 de janeiro**  
**Senhora,**

Sua resposta me feriu por muito tempo. Eu me ofereci a você como um caso mental, uma verdadeira anomalia psíquica, e você me responde através de um julgamento literário de poemas aos quais eu não apegava-me tratando-os e sequer podia sustentá-los. Estava orgulhoso de não ter sido compreendido por você. Mas percebo hoje que talvez não tenha sido suficientemente explícito, e por isso ainda peço que me perdoe.

Imaginei que chamaria a sua atenção senão pela preciosidade de meus versos, ao menos pela raridade de alguns fenômenos de ordem intelectual, que faziam com que esses versos não fossem, não pudessem ser outros, mesmo que em mim houvesse, e havia, os meios para levá-los à finalidade extrema da perfeição. Afirmação ostentosa, exagero, de propósito.

Minha questão era talvez especial, mas era a você que eu a colocava, a você e a mais ninguém, por causa da sensibilidade extrema, da penetração quase doentia do seu espírito. Me regozijava

1 O autor utiliza a palavra em francês *maladie* cuja tradução corrente e usual para o português seria "doença". Mas vale ressaltar que em algumas passagens se escolherá utilizar a palavra "mal", posto que a palavra "doença" tem seu sentido exclusivamente comprometido com todo o aparato médico-legal que a sustenta e, ao mesmo tempo, perde em português o prefixo "mal" que se mantém em francês. Tal prefixo é crucial para entender as associações que o poeta fará entre as noções de *mal*, *maladie* e *malheur*, em português, respectivamente, mal, doença e sofrimento. Assim como todas as associações que advêm do mal, do maldito e do maldizer que, como o leitor verá, atravessam a obra do poeta.

de lhe aportar um caso, um caso mental caracterizado, e curioso como eu o via com toda a deformação mental, com todos os obstáculos destruidores do pensamento, acreditava, por isso mesmo chamar aí a sua atenção sobre o valor *real*, o valor inicial do meu pensamento, e das produções do meu pensamento.

“Essa dispersão dos meus poemas, esses vícios de forma, essa diminuição constante do pensamento, é preciso atribuí-la não a uma falta de exercício, de posse do instrumento que manejava, de *desenvolvimento intelectual*, mas a um colapso central da alma, a uma espécie de erosão, ao mesmo tempo essencial e fugaz, do pensamento.” (ARTAUD, 2017, pp.21-25)

### **Rio, 20 de fevereiro de 2018**

#### **Meu caro Artaud,**

Por que reivindicar o seu mal como motor da sua obra?

Por essa razão foi sucessivamente ensacado pelos psiquiatras e psicanalistas em estapafúrdias ideias e diagnósticos. Foi silenciado inúmeras vezes.

E Jacques Lacan, foi ele quem te atendeu em St. Anne em 1937?

O tal Dr. L de quem você fala na introdução ao *Van Gogh*, este outro suicidado da sociedade...?

Ele te viu logo depois que você foi preso e deportado da Irlanda, lembra-se? Seu diagnóstico: esquizofrenia paranoide degenerativa. Seu prognóstico: não escreverá mais uma linha.

Você tirou do seu cu cancerígeno 18 volumes de 400 páginas ao longo dos 5 anos internos em Rodez. Muito mais do que havia desde 1920 conseguido escrever. Essa intensidade escriturária. Haveria algo de maligno nisso tudo? Seria esse o mal que convocava? Mas como entender esse trânsito, essa alquimia – para falar nos teus termos – entre as matérias? Como notar que todo circuito intensivo do corpo é desorganizador – tráfegando à beira do anorgânico? E como suportar isso sem adoecer?

Esse, sim, foi o verdadeiro mal que você lançou para o século XXI: como criar um corpo sem órgãos sem adoecer? Como fazer dos estados-limite da criação uma operação capaz de driblar os estratos dominantes – corpóreos – biopolíticos – e ainda permanecer entre os vivos?

E como poderia ter acreditado que a cultura branca e europeia estava pronta para entender o mal? Exatamente no momento em que ela havia vivido o seu maior horror. Tendo cedido ao ideal de limpeza e pureza. E às atrocidades que isso necessariamente engendra. Ainda hoje deveríamos colocar permanentemente em dúvida os custos desse ideal – que permanece, no entanto, associado à ideia do humano. Desde o Antigo Testamento, esse mundo das secreções. E os corpos das mulheres, o meu sangue, esse corpo sujo que deve ser apartado dos outros corpos. Para que cheguemos a um estado em que não haja vestígio da mistura entre os corpos. Onde ‘permaneça’ a pureza.

Ainda sinto-me maltratada, excluída, por não deixar que me docilizem, me limpem, a esse ponto.

As mulheres. As fragilidades. São omitidas. São demitidas. São violadas. São apagadas. São assassinadas. E as mulheres negras?

E quando falam de sua dor. Há algo na dor que borra. Que suja os quadros limpos da história. Hoje continuam acusando as mulheres. As mulheres negras então nem se fala. Como se a necessidade de enunciar. De borrar a história com a dor. Fosse nos impedir de ir adiante. Ir adiante seria esquecer? Esse, o país do futuro? Apagar. Apagar. Apagar esse trecho. Veja como avançamos.

Sei que você precisava dizer que seu mal, sua falha, que sua derrocada não o impediam – bastava um braço, uma mão, e você teria existido. Rivière não estava à altura do crédito que você exigia: um pacto que transformaria o *status quo* de todo o sistema literário. Ele cairia junto. Entende?

Estamos ainda aí. Não há essa mão. Esse crédito exigiria mudar o nosso assento no mundo. Isso não é uma perspectiva. É o vaso sanitário onde sentamos. Crédito só com juros. Altos.

Carrego ainda o teu mal. A dor. E sim, pode ser insuportável: essa força indócil. Diante dela não paro de pedir que todo amor se depurifique. Conseguiremos? É perigoso? Mas o mal pulula livremente. E o amor continua acreditando na paz. Ingenuamente?

Eles ainda não se contaminaram verdadeiramente. Conseguiremos?

\*

### **México, 23 de abril**

#### **Cara,**

Minha vida aqui se mantém por milagre: assim posso dizer. O que obtive da Cia. Transatlântica para partir obtenho aqui agora do governo, de agrupamentos diversos, da Universidade, etc., etc., para perseguir a minha viagem e adentrar no interior do México. Espero poder te contar na minha volta coisas estonteantes que possam mostrar a todo mundo que o mundo é duplo e triplo e que tudo funciona por planos e regiões. Sou conduzido e SOU guiado, aí está o que posso te dizer. Tive terríveis problemas materiais, mas que não duraram muito e dos quais saí através de um conjunto de circunstâncias, o que demonstra uma força ativa e vigilante em torno de mim. Quando você souber dos fatos, você não duvidará.

O México é um país surpreendente, ele tem forças em reserva e ele as têm a nu. Certamente não me enganei em vir até aqui. Somente nota-se – como em qualquer lugar há o mundo oficial e o outro. Mas o outro é tão forte que o mundo *oficial* é ele mesmo transtornado.

Insista por favor com a Gallimard para que meu livro sobre o teatro seja lançado e sem atraso. Ali tem muitos artigos que não foram lidos porque publicados aqui e ali em diversas revistas e nunca num livro. E depois a Roda do Tempo virou. E muitas das coisas tratadas nesse livro tornaram-se atualidades. Algumas outras ainda se tornarão atuais porque a consciência do mundo muda, e nunca são os mesmos objetos que golpeiam a consciência das pessoas. O que era sutil e impermeável pelo lado abstrato de sua natureza, sem mudar a sua apresentação, a sua forma, torna-se subitamente concreto. Você entende que é importante para mim uma data, e que eu estou um pouco cansado de ver minhas ideias sendo utilizadas por outros. O que vejo no México me comprova que

sempre estive no bom caminho. Não é possível que por razões comerciais eu seja frustrado do benefício disso que pensei antes de todo mundo. Isso seria imoral. Já te disse: te peço novamente. Fale desse livro com André Gide, com André Malraux. Não é possível que quando com eles fale não encontre ali aliados.

(...)

México é uma cidade de terremotos: quero dizer que ela é um tremor de terra que não parou de evoluir e que petrificou sobre um lugar. E no sentido mesmo físico do termo. As fachadas contínuas aparecem como montanhas russas, tobogãs. Todo o solo da cidade parece minado, gretado de bombas. Não há uma casa de pé, nem um sino. A cidade contém umas cinquenta torres de Pisa. E as pessoas tremem como a cidade: parecem eles também em pedaços, seus sentimentos, seus encontros, seus assuntos (*asuntos*), tudo isso é um imenso puzzle que muitas vezes surpreende que isso se junte, que se possa de tempos em tempos chegar a reconstituir uma unidade.

Há no México uma incrível mistura de raças: Índios com Índios, Maias com Astecas, Astecas com Zapotecas, Zapotecas com Tarascos, Tarascos com Toltecas, Toltecas com Otomis, Otomis com Huastecas, Huastecas com Zacatecas, Zacatecas com Cakchiqueles, Cakchiqueles com Crioulos, Crioulos com mestiço de Crioulos, mestiços de crioulos com Yaquis, Yaquis com Ki-Ka-Pus, Ki-Ka-Pus com Nada, e quando o nada é alcançado, intervêm os Seris irreduzíveis, os Tarmaaras vegetarianos, e os Lacadones, que são apenas 300 e que morrem por não auxiliarem à dominação ela mesma condenada dos Brancos.

Todas essas raças pululam, digo pululam, juntando-se elas mesmas, cedem, misturam-se e morrem. Há revolta e abandono, resignação e rebelião. Existem alguns que dormem com a mãe para não dormirem com os brancos, mas as Mães tornando-se estereis deixam de alimentar a raça, e a raça vai para um país “onde a Mãe de todos vela diante disso que seus filhos guardam sempre como um peso sobre eles”.

A política do governo não é Indianista, quero dizer que ela não tem espírito índio. Ela não é Pro-Índio, independentemente do que digam os jornais. O México não busca nem devir Índio nem voltar a ser Índio. Simplesmente o governo mexicano protege os índios *enquanto homens*, ele não os defende enquanto Índios.

Desde a Revolução o índio deixou de ser o pária do México; mas é tudo. Não se deu a ele um lugar dele, à parte. Diria ainda mais: não se protegem os seus ritos, contentam-se em respeitar seus hábitos, o que não é a mesma coisa. E mesmo que oficialmente o preconceito de raça seja combatido, há um estado de espírito mais ou menos consciente, *porém geral*, que quer que os Índios sejam ainda uma raça inferior. Se continua ainda os vendo como selvagens. Se considera a massa indígena como inculta, e o movimento que domina o México é o de “elevar os índios incultos até uma noção ocidental de cultura, até aos benefícios (SINISTROS) da civilização”. (ARTAUD, A, 2017, pp.71-75)

**Viana, Maranhão, 30 de abril de 2017**  
**Meu Caro, veja, não leia, veja:**

Índios têm as mãos decepadas em conflito de terras vejam cortaram as mãos dos índios os mesmos reis dos quais ainda não cortamos as cabeças vejam o que se passa entre a cabeça e as mãos vejam pra ver se não esquecem que uma terra é feita de mãos cortadas pelas cabeças desse país que nos deixam sem vejam o que isso fala de nós que não somos nem índio nem poeta e estamos desde sempre do lado cabeça de lá vejam o horizonte e a esplanada exponencial a explanação de pla(n)tão já disse o grande artista macho branco e cheio de mãos seria preciso ir além cortar as cabeças dos reis como já disse o filósofo careca vejam como reluz a mão amputada retirada do que o seu corpo quer dizer vejam nesta cabeça uma mão sem corpo vejam a des-graça onde caí vejam que sem mãos não se planta nada nem palavras não se escreve nada nessa terra de cabeças sem mãos espalmadas cortadas sem corpo onde nada advém só desgraça junto com o pássaro de asa quebrada o seu grito no fundo da minha retina *infans* sem mão esse vão vejam esse vão por onde nada voa nada volta nada passa por aqui.

Artaud, você começa a criar um novo teatro, que como tudo será banido, veja isso. Difícil de suportar – o seu fracasso permanente. Como foi roubado. E ainda ouvir que tudo isso era parte de sua paranoia...

Um teatro para o qual não existia público. Como essa letra. Para a qual ainda não tem leitores. Ou para um amor que não se creia bom. Ou um Deus que não se creia limpo. Ou um sangue que consigamos carregar sobre as nossas carnes.

Você escreveu “O teatro e seu duplo” em 1934, dizendo:

“Mais urgente não me parece tanto defender uma cultura cuja existência nunca salvou uma pessoa de ter fome e da preocupação de viver melhor, quanto extrair, daquilo que se chama cultura, ideias cuja força viva sejam idênticas a da fome.” (ARTAUD, 1984, p. 15). Imagine, Artaud, eu chegava do Brasil. Nasci com a família de pauperada. Sem dinheiro. Sem trabalho e sem amigos. Presos políticos.

Eu havia lido Glauber. Meu pai me deu de presente uma das primeiras edições despedaçadas porque naquele ano de 1998 – quando fui te encontrar em Paris – ainda estava banido no Brasil o livro de Josué de Castro, “A Geografia da Fome” (2001). Foi o Lula e o Instituto da Cidadania que em 2001 o reeditaram. Depois Lula também foi banido, mas bem...

Foi aí que vi. Sim, foi uma visão – vi você entre nós. Você é um pensador da fome. Um faminto. Que refaz a anatomia humana. Não em busca do *prãna*. Mas em busca de uma alteração da ordem vigente. Física. Moral. Ética. Política. Afetiva. Econômica. Transtornando o nosso chão. Tremendo. Tremendo. Abre-se agora e aqui o nosso solo.

Cresci por alguma razão numa zona de vizinhança, desses que não conseguem entrar. Próxima dessa impossibilidade. Dali fui habitada pelos seres mancos. Os profetas da natureza. A predizer a seca no sertão brasileiro. Artaud, você precisa ser lido hoje. Como

um ativador de um pensamento outro da cultura da fome. Da exclusão. Da pobreza. Que desloque não as nossas ideias. Mas os nossos compromissos. O rabo preso de cada um deverá passar pelo teu crivo. É esse Artaud que quero comigo. No meu bolso. Ah, sim... dizem que o psicótico leva o *objeto a* dentro do bolso. E é livre. Você, o encarcerado. O suicidado da sociedade. Você, o psicótico, levo-o agora – no meu bolso! Buscando disseminar. Pulverizar. Enfeitiçar a cultura do um. Com essa possibilidade dos vários corpos. Do n corpos. Dos corpos abertos. Trespassados. Empáticos. Que você vivenciou. E aqui deixou. Em mim.

\*

**[Por volta de 1º de marco de 1947]**

**Cara amiga,**

A atividade surrealista era revolucionária com a condição de reinventar tudo sem mais obedecer em nenhum ponto a alguma noção trazida pela ciência, a religião, a medicina, a cosmografia e etc. E [há] nesse ponto uma revolução ainda a ser feita com a condição que o homem não se pense revolucionário somente no plano social, mas que ele acredite que deve sê-lo, sobretudo no plano físico, fisiológico, anatômico, funcional, circulatório, respiratório, dinâmico, atômico e elétrico. E com isso deixe de se crer mortal e destinado ao esquife depois de 100 anos de vida, que é a cifra média escolhida pelos padres do ano 1000 e por eles imposta a toda a humanidade. Porque antes do ano 1000 ninguém morria e havia nessa época vilarejos e cidades chamadas de mortas vivas onde os homens velhos de muitos milhares de anos ainda viviam, banidos pela igreja pelo simples fato de estarem vivos.

Para mim seria a única revolução que poderia me interessar, mas não seria, é uma UTOPIA, sem contar que uma tal revolução não poderia se impor, mais ainda que qualquer outra, sem bombas e sem facões, pelo ferro e pelo sangue.

Ninguém me iniciará em nada.

1º Porque se trata de mim e sobre mim eu sei mais que qualquer outra pessoa.

2º Porque fora de mim não há senão outros homens, com ou sem mim

mas não há natureza, não há cosmos, não há princípios, não há essências, não há verdades gerais, nem fundamentos universais para um ser das coisas que não existe.

Nenhum homem tem, sobre o plano da vida, e para se encontrar com outro homem, o intermédio de uma ideia, noção ou percepção comum.

Foi arbitrariamente que se criaram as sensações, sentimentos, emoções, e noções genéricas que fazem que quando se pronuncie a palavra amor, honra, liberdade e verdade, todo o mundo acredite que compreende e pensa a mesma coisa enquanto nada mais distancia um homem do outro como as noções

de amor, de honra, de liberdade ou de verdade.

Dessa forma não acredito que haja um mundo oculto ou qualquer coisa escondida no mundo, não acredito que haja sob o real aparente camadas enterradas e recalçadas de noções, percepções,

de realidades ou de verdades.

Eu acredito que tudo e, sobretudo, o essencial esteve sempre a descoberto e na superfície e que afundou depressa porque os homens não souberam e não quiseram mantê-lo aí.

Isso é tudo.

### **Rio, 12 de dezembro de 2017**

#### **Caro Amigo,**

Quero você hoje, no meu sexo, porque ninguém destruiu tão bem o sexo. Falsamente natural. Dalí. De tão perto. A face sombria do homem branco. A tua própria. E terrível face.

Quero você refazendo a nossa visão do amor e do mal – combatendo esses novos pregadores de um pseudo bem, que matam e aterrorizam.

Quero você para desmontar essa separação entre deus e o demônio. Combatendo o preconceito religioso. E abrindo nossos ouvidos para as mensagens de Exu!

Quero você ao lado de Bel Hooks e de todas as mulheres negras que inscreveram a sua dor no seio, no meio, na mira do conceito. E não ao lado. Ou abaixo. Com elas finalmente posso dizer que minhas dores teorizam um mundo. Que o que penso. Leio ou crítico. De algum modo refaz um circuito interrompido física e moralmente em meu corpo.

Você descortinou um pensamento da vida. E ainda assim pensamento. Você tirou a literatura do seu parquinho de diversões vanguardistas para confrontá-la com o que nunca quiseram ver. Acreditando que a surrealidade ou o desrecalque seriam suficientes. E você ainda se autorizou a colocar pensamento e conceito no meio do poema mal. Mal escrito. Sim, língua fascista.

Hoje, no Brasil, vejo você escrevendo para analfabetos, como disse no Prefácio à publicação de suas “Obras Completas”, pouco antes de morrer. Ou no seio do povo negro. Dentro dos terreiros. De fato o que quero em você é o seu analfabetismo francês. E como ele lhe permitiu explodir a carcaça e os grilhões injustos. Aprisionantes. Exploradores. Da tua dita cultura branca. Quero você comigo e com as mulheres no Brasil de hoje. Para combater os nichos machistas. Intransigentes. Empertigados e arrogantes do saber.

Vambora, Artaud.

Agora, sim, noutro território que vamos inventar seremos artaudianos. E não mais deleuzianos.

Quero a tua bomba emparelhada com as que exatamente nesse momento nos miram. De logo ali, veja!

O exército está abrindo a mochila da criança. Armado até os dentes. Veja logo ali naquela ruela – o assassinato de milhares de negros. O holocausto não cessou. São muitos corpos amontoados e incinerados nas favelas do Rio. Mas essa carne barata não perdura na memória. Não adentra a nossa carne...

Nos Estados Unidos da América, *além do esperma para fabricar soldados*, a nova engenharia política do *president show* quer doar armas para os professores das escolas. Assim irão ‘conter’ os assassinos. Como você previa: com armas nas mãos de todos – o



arquetípico faroeste – e com tanques. Porque a guerra tomou o lugar do combate. No combate havia corpos. Perdia-se a carne. Ao passar. E viam-se os ossos. No Brasil, ainda em algumas regiões, comem-se os ossos. As mães do sertão pedem aos seus filhos: comam os ossos, até que vire farinha. Assim a barriga enche. Essa é uma memória corporal ativada pela cultura da fome. Inerente também às suas visões na Sierra Taramara. Elas retornam hoje. Estão aqui nos olhos da menina de ontem. Mochila aberta. E fuzil. O livro e a arma. A escola e a selva. A floresta. Oh, a floresta...

Precisamos explodir essa falsa e traiçoeira ingenuidade do pensamento.

\*

**Ivry-sur-Seine, terça-feira, 24 de fevereiro de 1948**  
**Ana,**

Estou triste e desesperado,  
 meu corpo dói por todos os lados  
 mas sobretudo tenho a impressão de que as pessoas se  
 decepcionaram  
 com a minha emissão radiofônica  
 Aí onde está a *máquina*  
 é sempre o abismo e o nada,  
 há uma interposição técnica que deforma e anula o que se faz  
 as críticas de M. e A.A.<sup>2</sup> são injustas mas elas devem ter-se origi-  
 nado numa avaria de transição,  
 por isso não tocarei mais no Rádio,  
 e me consagrarei a partir de agora  
 exclusivamente  
 ao teatro  
 tal qual o concebo  
 um teatro de sangue  
 um teatro que a cada representação faça ganhar  
*corporalmente*  
 alguma coisa  
 tanto para aquele que atua quanto para aquele que vem ver a  
 atuação,  
 aliás  
 não se atua,  
 se age.  
 O teatro é a gênese da criação.  
 Isso se fará.  
 Tive uma visão essa tarde – vi esses que vão me seguir, mas que  
 ainda não tem corpo porque os porcos como esses do restauran-  
 te de ontem à noite comem muito. Existem esses que comem  
 muito e esses que como eu não podem mais comer sem escarrar.  
 Seu.  
 Antonin Artaud

**Paris, janeiro 2018**  
**Querido Antonin,**

preciso te deixar ir. e sobreviver. aqui. com a minha fome.  
 e você ainda precisa saber.  
 sobre sobreviver.  
 sobre sobrar.  
 ou como fazer um manual do pensamento colonial.  
 dou-me este direito  
 ensinar-te algo:  
 primeiro é preciso partir  
 de todos. os lugares  
 do chão. da resma. desse concreto definido em abstrato  
 sendo o mais difícil.  
 demore-se mais tempo no exílio. dele  
 esquecendo o teu nome  
 o próprio  
 da tua língua.  
 pare. de escrever – o mudo. um momento longo. mas não conte  
 o tempo.  
 não herde nem deixe  
 que algo de você seja. herdado.  
 parta novamente. quando for chamado à permanência. oscile.  
 tudo. delire.  
 não negue. mas invente a negação.  
 cheia de um sim tão imenso. que tudo nele caiba. o seu contrário.  
 não dialetize. aterrorize qualquer par. toda tríade.  
 insiste.  
 não declare. prefira uma espécie singular – simples.  
 lembre. o suficiente. a chibata. o lanho na carne. o dente caído.  
 o sangue.  
 do corpo.  
 esqueça. tudo. depois.  
 volte apenas à praça. aonde foi deitado. e a corrente sobre os pés.  
 descalço. parta. sem papel. nenhum. o sexo como arma de combate.  
 sim. a violência. sempre que um corpo e outro se tocarem. sinta.  
 devolva tudo isso. em voltagem zero.  
 igual à tudo. sem equação.  
 a mesma conta. a repetição. a frase. cuspa  
 na comida a tua fome.  
 no ódio a alegria. mas não o amor.  
 nele cuspa fogo. faça queimar. e lamba as chamas.  
 volte ao rés. troque a resma. esqueça de novo. a língua liminar  
 que cortará cada palavra.  
 encoste nela.  
 a cela dos teus pais. visite. mas não more. não morra.  
 e dos anos depois que partir  
 ou do agora mesmo. sobreviva  
 [à violência que carrega em meu peito  
 resta como esta aresta. aberta.  
 este talvezue. navegue nele. no estreito. sempre.  
 mas nunca encontre o outro lado  
 o civilizado. o outro. o de mim mesma.  
 e da experiência.

entenda só. o agora.  
 a violência. o ter que viver com você  
 e o invivível.]  
 cuspa o fogo antes de lambê-lo sobre o bando brando. o em torno.  
 entorne. o caldo. o quente. o calor.  
 habite as grelhas e desenhe só os fornos.  
 não entregue nenhum corpo que não o meu para salvar a tua obra.  
 entenda de novo o mesmo sacrifício tropical.  
 porque a verdade dura.  
*e já se sabe que a vida é sempre a morte de alguém*  
 a tua violência. entenda Antonin.  
 não é porque dela padeço.  
 volto à você  
 para devolver a frase. o inaudível.  
 ouça  
 como já sabemos.  
 que a tua vida ainda seria e sempre a morte  
 sou só alguém.  
 volto. revoltado. revoluto.  
 para que fique ali daquele lado civilizado do mundo enterrada.  
 enquanto tento. mesmo em escombros  
 sobreviver. sem você.

com amor,  
 Ana.

### Nota Final:

Escrevi esse texto em primeira mão e noutra versão, quando eu e Adriana Schneider Alcure nos reunimos, na ocasião do lançamento do livro de Cartas de Artaud (“A Perda de Si”, 2017) – essas mesmas que agora uso aqui como a parte dele nessa Correspondência, para montar uma primeira performance com esse material. Performance essa que, em sua segunda versão, apresentada no Evento Partilha de Matérias, organizado por Eleonora Fabião e a própria Adriana no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, em dezembro de 2017, ganhou o nome de “Artaud em Processo”. Foi depois disso, com a escuta dos colegas e a dimensão da interação cênica com Adriana/Artaud, que as minhas respostas e o meu próprio texto ganhavam ao lado dele, que fui delineando essa ideia de uma troca de missivas fabulatórias. Com Artaud já havia entendido que toda missiva é também um míssil, um projétil (KIFFER, 2016). Algo se endereça quando escrevemos “para”. Nesse caso escrevo não exatamente para Artaud. Afinal aí ainda não chegamos. Mas escrevo com ele – a partir dele – e mesmo deixando-o para escrever para o nosso tempo.

Há um endereçamento aqui que é espiralado, passando pela subjetivação das questões que abordei como crítica de Artaud. Pelo diagrama de forças que sua palavra reivindica e que o texto performado recebe. E pela subjetivação que assinar o meu texto me obriga – a tal maioria do tornar-se autora. Tal como um dia havia reivindicado ele mesmo a Jacques Rivière.

Observo hoje, a partir desse meu próprio processo espiralado,

que isso é vivido pela maior parte dos escritores e artistas. No fundo sempre interrogamos como uma existência pode conquistar realidade ou ser por ela mesma legitimidade. Sabendo que nunca existimos por nós mesmos, mas sempre quando fazemos existir outra coisa (LAPOUJADE, 2017, p. 21), essa angústia e esse paradoxo de só existir inexistindo atravessaram e atravessaram a vida de muitos de nós. Artaud falou dela incansavelmente, a tal potência *da perda de si*. Eu também, ao meu modo, aí me encontrei com ele.

Diria que esse fazer existir a inexistência é a base e a matéria mesmo da fabulação. Mas observem, escrevi noutra lugar *que a fabulação não é nem mentira nem invenção* (KIFFER, 2018). Tratando sem parar dessas existências inexistentes. Dessas existências existentes. Do tráfego entre percepções que descartamos quando ainda sobre o solo, antes da erosão, nos encontramos.

Já aqui afirmo estar à beira. Essa subjetivação volátil. Transeunte. Preenhe de heterônimos. Ou de anônimos. Acaba por exigir o gesto derradeiro deste processo – fazer viverem novas existências. Incluso a minha. Dar direito de existência ao que não víamos. Ao que não era. Ou ao que não aceitávamos. Ou mesmo não desejávamos. Não há altruísmo. Nem bondade. Dar existência – escrever para – endereçar – significa ao mesmo tempo poder matar. Deixar de ver. Descartar. Mirar. Eliminar contornos. Chamar para o combate o teu aliado. E sobreviver com isso. E eventualmente depois disso. Não, não é fácil a paradoxal ética da crueldade captada por Artaud. Aqui ainda estamos.

Em processo.

Artaud escreveu e desejou modos de acabar com o julgamento. Hoje, ao lado dele, diria que para acabar com o julgamento precisamos não apenas da proliferante produção de corpos sem órgãos. Diria que hoje precisamos também da nossa potência afirmativa de colocar em cena alguns dos nossos processos. Abrir processos. E não apenas proferir juízos. Ou sentenças. O Brasil, a meu ver, carente de modo permanente de uma noção válida de justiça e preenhe de julgamentos e juízes arbitrários, talvez por aí ganhasse algo: com uma ética da crueldade. Combates. E a abertura de processos sustentados por aqueles que até agora e aqui foram **juogados** inexistentes. Que venham eles. E elas.

## Referências

- ARTAUD, Antonin. **A Perda de Si**: cartas de Antonin Artaud. Organização do texto: Ana Kiffer. Tradução: Ana Kiffer & Mariana Patricio. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- \_\_\_\_\_. **O Teatro e seu Duplo**. Tradução: Max Limonad. Rio de Janeiro: Max Limonad, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Van Gogh** – o suicidado da sociedade. Tradução: Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Oeuvres**. Organização do texto: E. Grossman. Paris: Quarto Gallimard, 2004.
- CASTRO, Josué. **Geografia da Fome** – o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- KIFFER, Ana. **Antonin Artaud**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016.
- \_\_\_\_\_. Dos corpos.5 a história de Elza ou a fogueira do século XXI. **Revista Pessoa**. Editora Mombak, 2018. Disponível em: <https://www.revistapessoa.com/artigo/2452/dos-corpos.5--a-historia-de-elza-ou-a-fogueira-do-seculo-xxi>,
- LAPOUJADE, David. **Les existences moindres**. Paris: Minuit, 2017.